ISSN: 2358-8829

RELAÇÕES SOCIAIS NA ESCOLA: COMO A LGBTFOBIA AFETA A VIDA DOS ESTUDANTES

Ednildon Ramalho Fideles Junior[1]

INTRODUÇÃO

Ser um ser humano é pertencer à espécie Homo sapiens, unindo uma base biológica à capacidade de raciocínio, autoconsciência e moralidade. Significa possuir o livre-arbítrio para fazer escolhas, criar cultura, sentir empatia, comunicar-se através de linguagem complexa e buscar um propósito que vai além da mera sobrevivência humana. Embora o conceito no primeiro momento pareça claro, ele não detém a complexidade do ser humano e do humano que é um ser em sua totalidade.

O que é ser humano? O que é ser homem e o que é ser mulher? O que é ser homossexual e o que é ser heterossexual? É notório que nossa identidade é construída historicamente por meio da cultura apreendida e das experiências vivenciadas e em meio às relações estabelecidas com o outro, seja este semelhante ou diferente.

Fato é que estamos em constante transformação, variando interesses e alterando a forma como se percebem e como veem os outros, sobretudo os desejos. Em Freud, o desejo, que é inconsciente, é designado pelo vocábulo alemão Wunsch, cuja tradução é anelo, aspiração. O desejo não se mostra claramente e, como sabemos tudo que é cifrado, ambíguo ou obscuro exige interpretação.

Lacan escolhe outro vocábulo alemão para designar o desejo: Begierde, que, segundo o dicionário alemão-português, significa cobiça, anseio, desejo veemente. Refletindo sobre os conceitos dos autores, podemos compreender o tamanho enredamento e maranhado de sentimentos que o ser humano pulsa. Esse pulsar sempre existiu desde a concepção da vida, mas é imprescindível questionar barreiras que foram historicamente erguidas e pensar em uma sociedade mais democrática e menos desigual, ditatorial. Quando as identidades estão cativas por modelos rígidos e na maioria das vezes por dogmas religiosos, ao ponto de não percebermos nossa função na totalidade

[1] Mestre pela universidade latino-americano UMA – Universidade Metropolitana de Assunção. Graduado em Letras/Inglês. Pedagogia. Pós em Psicopedagogia; Ed. Inclsusiva; Metodolgia do Ensino. Escritor e Professor de Ensino Superior do Agreste Paraibano – EESAP; Faculdade Três Marias – FTM, Professor da Rede Estadual da Paraíba. ednildon.junior@professor.pb.gov.br

que nos cerca, nossa capacidade de escolher e transformar a realidade é consideravelmente reduzida. Porém, à medida que compreendemos que esses modelos são frutos de construções religiosas e culturais, passamos a ser capazes de atuar na transformação de valores sociais e conquistar maior poder de escolha na realização de projetos pessoais e coletivos.

Nesse contexto, podemos pensar a escola como um "experimento" social da vida adulta, onde os estudantes estão passando por múltiplos processos: aprendizagem, autoconhecimento, consciência corpórea, relações sociais e interações. Seu papel no que diz respeito à sexualidade de seus estudantes tem sido elemento de debate crescente nas últimas décadas, chamando-a para uma contribuição de maneira mais eficaz no enfrentamento daquilo que impede ou dificulta a participação social e política e que, ao mesmo tempo, contribui para a reprodução de opressão e o aumento das desigualdades.

Diante dessas transformações, os estudantes trazem consigo experiências, valores familiares e sociais que se estruturam para uma formação identitária, projetando a escola como parte fundamental nessa etapa de desafios e porquês, onde esses estudantes terão contato com o diferente. Usando como pano de fundo o documentário "Se essa escola fosse minha" onde apresenta as particularidades da vivência de estudantes LGBTs (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros) no ambiente escolar, objetivamos com essa ação propor o debate sobre a diversidade e como LGBTfobia afeta a vida dos estudantes do Ensino Médio de uma escola pública no município de João Pessoa/Paraíba.

Por meio do depoimento de estudantes, o filme apresenta as experiências e situações de violência vivenciadas por crianças e adolescentes que não estão inseridos nos padrões de feminilidade, masculinidade e orientação sexual dominantes. Trata-se de um estudo descritivo, com abordagem qualitativa, na modalidade relato de experiência.

Conclui-se que é indispensável à politização do debate sobre a LGBTfobia, o que implica abordar esse fenômeno a partir de uma perspectiva social crítica e interdisciplinar. Não é tarefa fácil, atribuída à escola, tratar as questões sobre gênero e sexualidade, uma vez que isso não fez parte da formação base do docente, mas pode fazer parte da formação contínua do profissional.

METODOLOGIA

A vivência ocorreu durante o 1º semestre do ano letivo de 2026. O publico alvo contemplou 10 estudantes do 3º ano do Ensino Médio, com faixa etária entre 16 e 19 anos. Estes estudantes são oriundos dos bairros Grotão, João Paulo II, Ernesto Sátiro e Esplanada do município de João Pessoa /Pb.



Figura 1 – Momento do vídeo
Fonte: arquivo do pesquisador.

Estão inseridos em uma realidade de vulnerabilidade socioeconômica alta a moderada. Essa região faz parte da periferia da Zona Sul de João Pessoa, caracterizada historicamente pela expansão urbana de baixa renda.

Trata-se de um estudo descritivo, com abordagem qualitativa, na modalidade relato de experiência. O relato de experiência é uma modalidade de pesquisa qualitativa que sistematiza vivências acadêmicas ou profissionais.

O caráter descritivo, segundo Gil (2008, p. 28) “as pesquisas deste tipo têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis”.

São inúmeros os estudos que podem ser classificados sob este título e uma de suas características mais significativas está na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados.



Figura 2 - Momento do vídeo.
Fonte: arquivo do pesquisador.

Foi utilizado um espaço físico na escola, conhecido como sala de reunião, justamente pela proposta que os participantes estivessem mais próximos, todos em uma grande mesa, um espaço menor e mais aconchegante.

ISSN: 2358-8829



Figura 3 – Explicando o questionário de coleta, privacidade e o ECA digital.
Fonte: arquivo do pesquisador.



Figura 4 – Propondo as perguntas norteadoras.
Fonte: arquivo do pesquisador.



Figura 5 - Momento do debate coletivo.
Fonte: arquivo do pesquisador.



Figura 6 - Fala extremamente necessária das alunas que se identificam como mulheres trans.
Fonte: arquivo do pesquisador.



Figura 7 - Encerramento do momento.
Fonte: arquivo do pesquisador.



Figura 8 - construindo as propostas de inclusão da diversidade na escola.
Fonte: arquivo do pesquisador.

REFERENCIAL TEÓRICO

A OMS - Organização Mundial de Saúde, há mais de 10 anos (1993) – conjuntamente com a revisão e publicação da 10º edição da Classificação Internacional de Doenças (CID 10) - não considera homossexualidade como doença mental. Segundo o DSM III – Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais publicado pela American Psychiatric Association – a homossexualidade deixou de ser considerada perversão e passou a ser designada como estilo de comportamento. No Brasil desde 1985 o Conselho Federal de Medicina não considera homossexualidade como desvio sexual.

Estudo desenvolvido por Meyer e Borges (2008), feito a partir de um curso de capacitação de professores para o combate da homofobia no Estado do Rio Grande do

Sul, onde aponta forma clara neste sentido: a maior parte dos docentes relatou grande dificuldade em tratar o assunto em sala de aula, especialmente pelas reações de discriminação e violência às vezes incontroláveis por parte de seus alunos(as).

Os entrevistados queixaram-se da falta de material didático para abordar o tema da sexualidade de forma transversal, mas também de sua própria falta de preparo para tratar a sexualidade em suas salas de aula, pela ausência desse tema em suas formações enquanto professores. Os depoimentos mostraram também o receio de que ao abordar o tema da diversidade sexual, sirva de estímulo e contagie uma sexualidade não normativa.

Nesse cenário, perpetua-se uma prática historicamente construída: a abordagem de aspectos biológicos da sexualidade (aparelho reprodutor, reprodução, infecções sexualmente transmissíveis e métodos contraceptivos) pelo professor da área de Ciências, mantendo-se o "currículo sexual oculto" que "ensina a normalização das expressões de gênero, o modelo do casal heterossexual reprodutor, a família nuclear, a hierarquização dos gêneros, a exclusão de orientações sexuais diferentes etc." contribuindo-se para a reprodução de preconceitos e discriminações em relação à sexualidade e à diversidade sexual. (BARRETO; ARAÚJO; PEREIRA, 2009, p. 180).

Sem sombras de dúvidas, um dos palcos onde há um embate entre posições normatizadoras da sexualidade e aquelas que buscam se apropriar deste espaço para justamente questionar os códigos normativos relacionados ao gênero e a sexualidade, é o da orientação sexual nas escolas. Incluída em 1998 como tema transversal nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) em nosso país, alguns autores têm enfatizado que a simples inclusão deste tema não garante o respeito à equidade de gênero e a aceitação da diversidade de práticas e identidades sexuais no ambiente escolar.

> Segundo os PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais), formulado pelo MEC o conceito de gênero é: [...] diz respeito ao conjunto de representações sociais e culturais construídas a partir da diferença biológica dos sexos. Enquanto sexo diz respeito ao atributo anatômico, no conceito de gênero toma-se os de desenvolvimento das noções de “masculino” e “feminino” como construção social (PCNs, 2000, p. 321-322).

Sendo a escola parte dessa etapa do desenvolvimento humano e visando construir uma visão de respeito à multiplicidade de sujeitos, por que ainda ela lida com o preconceito do “diferente”? A escola sozinha não consegue combater os preconceitos

ISSN: 2358-8829

radicados de forma substancial, precisando sempre de aporte além dos muros e, por ainda vivermos em uma cultura heteronormativa, machista e racista, os estudantes que mais sofrem com esse processo de exclusão são LGBTs, mulheres e pessoas pretas.

Durante a adolescência é natural termos pensamentos sexuais e atrações que nos deixam confusos, é comum podermos sentir-nos atraídos ou termos pensamentos sexuais (desejos) sobre pessoas do mesmo sexo ou do sexo oposto. É uma forma de irmos descobrindo e pensando sobre os nossos sentimentos sexuais. Por isso, sentirmo-nos interessados por alguém do mesmo sexo não significa necessariamente que somos homossexuais. Da mesma forma sentirmo-nos interessados por alguém do sexo oposto também não significa necessariamente que somos heterossexuais.

Freire, Haddad e Ribeiro (2007, p. 15) referem-se à construção de uma política pública de educação em gênero e diversidade reconhecendo que não "[...] bastarão leis, se não houver a transformação de mentalidades e práticas".

Mentalidades estas que compreendem a diversidade sexual como algo patológico e alinham sexo, gênero e sexualidade, associando gênero à constituição biológica de macho e fêmea. Práticas que negligenciam a sexualidade em sua dimensão histórica e social e (re)produzem preconceitos, discriminação, marginalização e exclusão. Mentalidades e práticas construídas historicamente, influenciadas pela política, pela economia e principalmente pela religião.

> Que existem seres de sexos biológicos masculinos e femininos não podemos negar. Mas os extremistas cristianizados gostam de ridicularizar os LGBTs usando os termos “macho e fêmea”, deixando uma mensagem subliminar de repúdio e ódio contra os indivíduos que não se identificam como tais. É habitual o fundamentalista confundir – propositalmente ou não – gênero com sexualidade (OLIVER, 2023).

De acordo com Moreno (2003), “a escola tem como missão aproximar os indivíduos do pensamento científico, dando-lhe conhecimento e desenvolvendo sua inteligência, e costuma cumprir este ato com certa rigidez dogmática”.

Esta atitude apoia-se em uma serie de concepções errôneas a respeito do que é a ciência e do que é a inteligência. O sexo é tratado com algo distante do aluno(a), o aparelho sexual é mostrado, ainda nos dias atuais, como “máquina de reprodução”, tendo o sexo à finalidade da procriação, revelando sua raiz religiosa e os tabus apregoados. O sexo como prazer é raramente comentado na escola e a mesma se

esquiva dessa obrigação por temer uma má influência para o aluno(a), cedendo a pressão de alguns pais sobre a não intervenção da instituição na sexualidade de seus filhos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A visão dos alunos do ensino médio sobre a comunidade LGBT é polarizada entre uma aceitação crescente e a persistência de preconceitos estruturais, o que impacta diretamente a segurança nas escolas e o cotidiano destes.

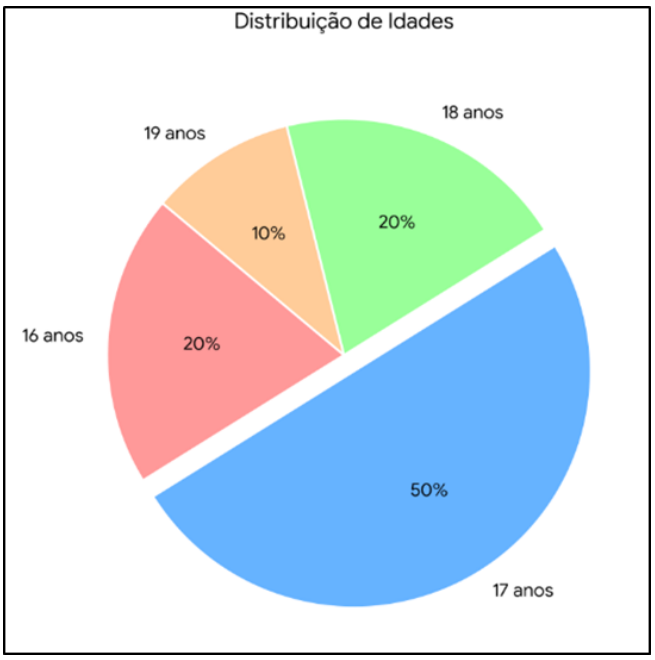

Gráfico 1 - Faixa etária.

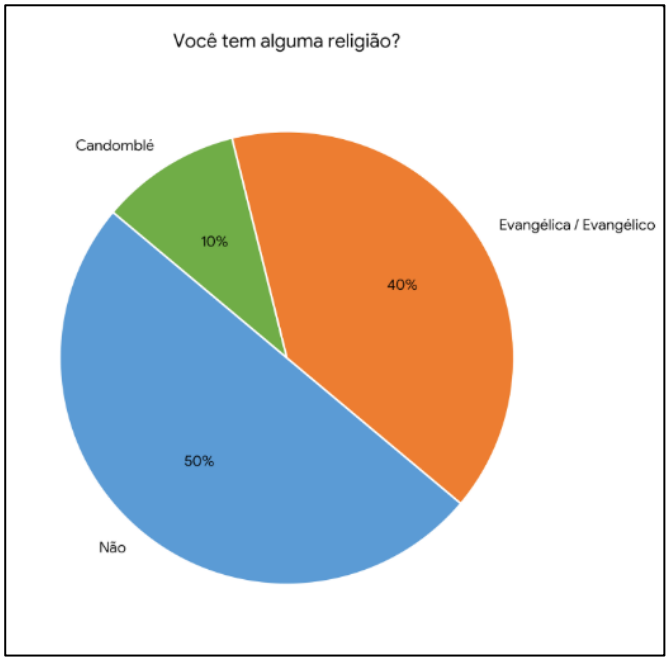

Gráfico 2 – Religião.

A presença dos dogmas religiosos ainda influencia diretamente o conceito e o preconceito acerca das pessoas LGBTQIAPN+. É importante destacar o crescimento do conservadorismo, que historicamente associado a gerações mais velhas, encontra hoje um terreno fértil entre os mais jovens. Dados do Instituto AtlasIntel mostram que a identificação com a direita chega a **52% entre os jovens de 16 a 28 anos,** superando os índices das gerações anteriores.

Esse fenômeno é impulsionado por uma crise de identidade e incertezas no mercado de trabalho, o que leva parcelas dessa demografia a defenderem valores de autoridade, ordem e papéis de gênero tradicionais e religiosos. A religião cristã entra

como base para os papeis de gêneros definidos na sociedade e a demonização e preconceitos a comunidade LGBTQIAPN+.

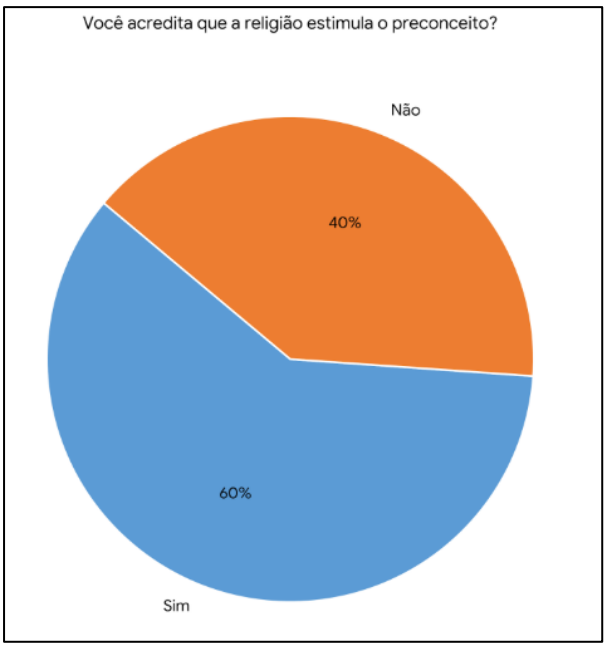

Gráfico 3 – Você acredita que a religião estimula o preconceito?

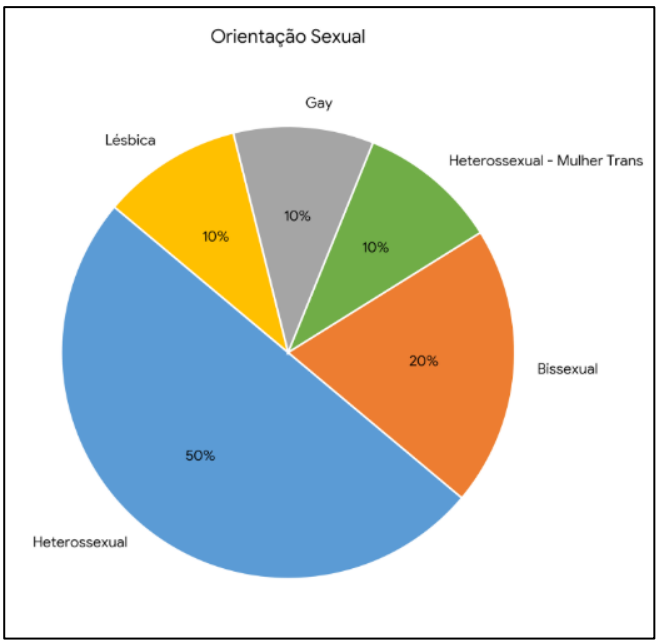

Gráfico 4 – Qual seu gênero e Orientação sexual?

As narrativas dos estudantes no momento reflexivo após a exibição do filme indicam que adolescentes das minorias sexuais estão mais visíveis e sofrendo menos rejeição pelos pares nas escolas. De modo geral, na percepção deles, na escola, o índice de rejeição é menor do que no meio social externo, no caso religioso **(60%).** Um fator importante a ressaltar são os relatos de violência e rejeição no seio familiar. Alguns estudantes relataram que se sentem mais acolhidos pelos colegas do que pelos seus familiares, sentindo-se mais confortáveis para falarem do seu gênero e sexualidade.

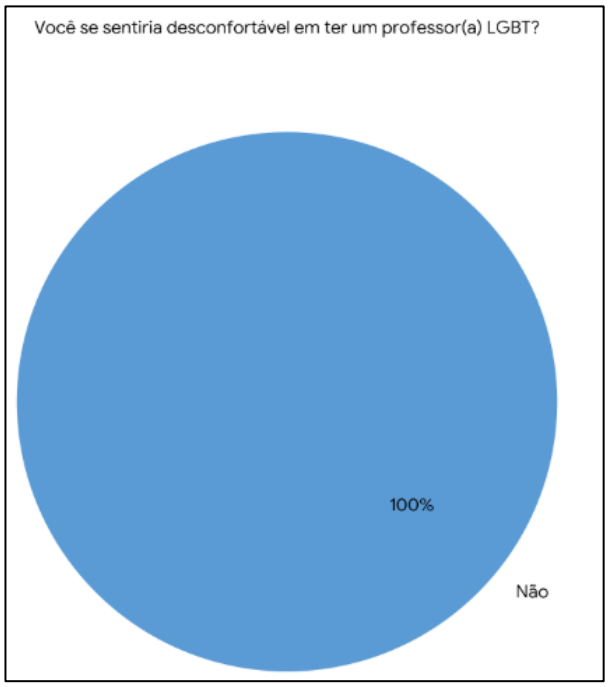

Gráfico 5 – Você se sentiria desconfortável em ter um professor LGBT?

A quantidade de estudantes que se definiram como não heterossexual **(20%)** é significante, até mesmo pela circunstância dessa etapa da vida que estão passando ser de descobertas e de definição da maturidade da identidade

sexual. Os estudantes foram quase que unanimes em afirmar que hoje a homossexualidade, a transexualidade e outras expressões da sexualidade e do gênero são mais presentes nos veículos de comunicação, especialmente na Internet, o que também contribui para uma maior receptividade pelas pessoas. Inclusive expressaram que não teriam nenhuma objeção em ter um professo(a) LGBTQIAPN+ **(100%).**

Se por um lado os estudantes sentem-se confortáveis com um profissional na condição de professor(a) LGBT, estudo realizado por Lira e Jofili (2010) constatou que professores desconheciam a proposta de tema transversal para a temática sexualidade e outros estudos relatam a falta de preparo e a insegurança de professores na abordagem do tema, sobretudo os que se identificam como heterossexuais.

Refletindo sobre os apontamentos dos grupos **A e B (conforme quadros abaixo)**, podemos perceber o quanto esses jovens ainda são subestimados a respeito de temas tidos como tabu na escola, mesmo que indiretamente. Ambos os grupos apontam a existência do preconceito na escola e apontam resoluções simples para minimiza-lo. A escola muitas vezes pensa em "receitas" extraordinárias para lidar com temas que julga complexo entre os adolescentes, quando muitas vezes a solução prática vem de uma escuta ativa a esses jovens.

GRUPO	REFLEXÕES E PROPOSTAS INCLUSIVAS
A	"Ainda existe preconceito com a comunidade LGBT+ no ambiente escolar".
	"É possível amenizar este problema conscientizando os alunos por meio de palestras educativas".
	"Respeitar o nome o social, por mais que ainda não tenha sido retificado".
	"Liberação do banheiro feminino para as mulheres trans e do banheiro masculino para os homens trans".
	"Presença de profissionais qualificados para atender os alunos, psicopedagogos, por exemplo."
	"Os professores poderiam dar mais apoio para a comunidade LGBT relacionando o tema nas suas aulas".

Quadro 1 – Propostas apresentadas pelo grupo A.

Fonte: construção e transcrição de dados pelo pesquisador – 2026.

ISSN: 2358-8829

GRUPO	REFLEXÕES E PROPOSTAS INCLUSIVAS
B	“Ainda existe muito preconceito dentro da escola”.
	“Tem muita LGBTfobia generalizada por causa de questões religiosas”.
	“Faltam informações”.
	“O padrão social de gêneros contribui para o preconceito.”
	“A escola deveria ter suporte de Psicólogo.”
	“Mais palestras de conscientização sobre o tema.”
	“Conscientizar funcionários e professores sobre o respeito da orientação sexual.”
	“Liberação dos banheiros para as pessoas trans.”

Quadro 2 – Propostas apresentadas pelo grupo B.

Fonte: construção e transcrição de dados pelo pesquisador – 2026.

Precisamos entender que essa geração, apesar do uso extremo de telas, está conectada por uma rede de informações que lhe dão acesso a informações na palma da mão, ao contrário de muitos profissionais que atuam no espaço escolar e que vivenciaram sua adolescência nas décadas de 70, 80 e 90, como é o caso da escola onde a pesquisa foi realizada.

O **grupo A** ressaltou um ponto extremamente relevante para a prática docente, a importância de todos os professores, independentes de suas disciplinas, abordarem a temática. O que nos leva a reforçar o valor estimado da interdisciplinaridade.

O **grupo B** ao declarar que faltam informações, se refere principalmente a informações pedagógicas na escola, “denunciando” a ausência de dialogo a respeito da temática aqui discutida, muitas vezes se resumindo a uma frase “alegórica” ao dia do Orgulho LGBTQIAPN+ comemorado no mês de junho.

Pontos em comum nos **quadros 1 e 2** sobre palestras, apoio profissional e banheiros com acesso livre as pessoas trans, foram destacados como atitudes acolhedoras e de respeito ao ser humano e inclusão.

Seja qual for o nosso gênero e nossa orientação sexual, aprender sobre relacionamentos e sexo podem ser difíceis, principalmente quando o dialogo não é aberto no seio familiar, um ponto bastante destacado na fala dos participantes. A

literatura está repleta de registros indicando que a comunicação em uma família com filhos adolescentes se caracteriza por um acréscimo nos confrontos entre pais e filhos. Este fenômeno ocorre em função de que passa a haver um maior questionamento do filho adolescente com relação às regras, valores e crenças familiares (Blos, 1996; Osório, 1992; Aberastury & Knobel, 1990).

Nesse contexto, os pais se surpreendem com as atitudes dos filhos, que ficam mais instáveis, irritados e questionadores - atitudes essas que para os próprios adolescentes podem representar uma forma de diferenciação das figuras parentais e busca de sua própria identidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Porque é que algumas pessoas são homossexuais e outras heterossexuais? É notório que não existe uma resposta simples a esta questão. Os estudiosos consideram que a orientação sexual envolve uma miscelânea complexa de fatores biológicos, psicológicos e ambientais. Os cientistas acreditam ainda que a genética e as hormonas desempenham um papel importante desde a nossa concepção uterina. A orientação sexual não parece ser algo que uma pessoa possa escolher voluntariamente.

A orientação sexual é simplesmente uma parte natural de quem somos, independe do gênero que nos identificamos e ninguém pode no dizer qual é o nosso gênero, nossa orientação sexual, baseando-se em padrões sociais, dogmas religiosos, tradições, etc. Apenas nós mesmos a podemos descobrir, não precisamos nos sentir pressionados para nos atribuir um “rótulo”, como tendo esta ou aquela orientação sexual e/ou gênero. O que precisamos é de informação segura, escuta e acolhida.

Nosso estudo, limitado ao universo dos estudantes do Ensino Médio, verificou que a LGBTfobia é plenamente manifesta nos ambientes escolares e “invisível” muitas vezes aos olhos da escola. Isso sugere que os programas e políticas públicas de educação e de saúde existentes não estão assegurando os direitos sexuais desta população, bem como sua proteção, pois se trata de indivíduos em desenvolvimento em um espaço formal de aprendizagem.

Para a vivência da sexualidade de forma livre, segura e saudável é necessário oferecer a estes alunos em desenvolvimento, condições adequadas para a manifestação de seus desejos e inquietações e o ambiente escolar é o mais indicado para isso por se

tratar de um ambiente pedagógico, onde esses alunos podem de maneira segura acessar informações.

Entretanto, vale destacar que há maior aceitação dos adolescentes LGBTQIAPN+, pois os estudantes estão mais abertos a mudanças, mesmo num ambiente escolar heteronormatizador e discriminatório. No momento atual, além da baixa efetividade das políticas neste campo, evidenciam-se movimentos contrários a ela, a exemplo da retirada do termo gênero e orientação sexual do texto do Plano Nacional de Educação, aprovado em 2014, provocada pela bancada religiosa do Congresso Nacional brasileiro.

Compreendemos que há muito que fazer, que em alguns momentos nos sentimos silenciados ou podados em nossa prática pedagógica, mas as instituições sociais estão dando os primeiros passos acerca da LGBTfobia. O importante é promovermos políticas públicas e ações inclusivas de orientação afetivo-sexual, com a integração sempre da família, da escola e de instituições como um todo, que levem o sujeito à sua existência plena de direitos e deveres em sociedade.

REFERÊNCIAS

BARRETO, A.; ARAÚJO, L.; PEREIRA, M. E. (Org.). **Gênero e diversidade na escola: formação de professoras/es em gênero, orientação sexual e relações étnico-raciais - livro de conteúdo.** Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: SPM, 2009. Disponível em:<http://estatico.cnpq.br/portal/premios/2014/ig/pdf/genero_diversidade_escola_2009.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2026.

Bourdieu, P. (2002). **A escola conservadora: As desigualdades frente à escola e à cultura**(Gouveia, A. J., Trad.). In Nogueira, M. A. & Catani, A. (Orgs.). Escritos e Educação (pp.39-64). Petrópolis, RJ: Vozes.

BLOS, P. **Adolescência.** Porto Alegre : Martins Fontes. 1996.

Heilborn ML, Aquino EML, Bozon M, Knauth DR. **O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros**. Rio de Janeiro: Garamond/Editora Fiocruz; 2006.

FIDELES JÚNIOR, E. R. **Homofobia e Heterossexismo nas Escolas: Propostas Pedagógicas Inclusivas.** João Pessoa. Editora Realize. 2015.

MARILSA, Taffarel. **O desejo segundo Jacques Lacan.** Sociedade Brasileira de Psicanalise. Disponível em: < https://www.sbpsp.org.br/blog/o-desejo-segundo-jacques-lacan/> Acesso em: 18 jun. 2026.

MORENO, Montserrat. **Como se ensina a ser menina – O sexismo na escola**. 1ª ed. São Paulo/Sp. Moderna/Unicamp, 2003.

MISHNA, F; Newman, PA; Daley, A and Solomon, S. (2007) **Bullying of Lesbian and Gay Youth: A Qualitative Investigation**. The British Journal of Social Work 1-17

NUNES, Cesar Aparecido. **Desvendando a sexualidade.** 7ª ed. Campinas/SP. Papirus, 2005

OLIVER, J. Diniz. FIDELES JÚNIOR, E. R. Davi vs. Golias **Destruindo Sofismas Religiosos Fundamentalistas.** 2º edição. João Pessoas/PB. Edição do Autor, 2023.

BESEN, Beatriz. **Cresce relação das direitas radicais com jovens no contexto internacional.** Jornal da USP no Ar 1ª edição. Disponível em: < https://jornal.usp.br/atualidades/cresce-relacao-das-direitas-radicais-com-jovens-no-contexto-internacional/> Acesso em: 18 jun. 2026.

FREIRE, N.; HADDAD, F.; RIBEIRO, M. **Construindo uma política de educação em gênero e diversidade.** In: PEREIRA, M. E. et al. (Org.). Gênero e diversidade na escola: formação de professoras/es em gênero, sexualidade, orientação sexual e relações étnico-raciais. Rio de Janeiro: CEPESC, 2007. p. 15-16. Disponível em: <http://www.spm.gov.br/central-de-conteudos/publicacoes/publicacoes/2007/gde-2007.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2026.

LIRA, A.; JOFILI, Z. **O tema transversal orientação sexual nos PCN e a atitude dos professores: convergentes ou divergentes?** Ensino, Saúde e Ambiente, Niteroi, v. 3, n. 1, p. 22-41, 2010. Disponível em: <http://www.ensinosaudeambiente.uff.br/index.php/ensinosaudeambiente/article/view/105/104>. Acesso em: 15 jul. 2026.